

Vida do jovem caiçara na Prainha branca: modo de vida e representações sociais

Júlio César Suzuki (USP)
jcsuzuki@usp.br
Alberto Pereira Lopes (UFT)
beto@uft.edu.br

As comunidades caiçaras, no Brasil, passam por inúmeras dificuldades no que concerne à manutenção do seu modo de vida, sobretudo por conta da interferência de um mundo moderno, com suas práticas sociais, valores, visões de mundo, símbolos, representações, que se aproxima, cada vez mais, de um universo marcado pelas tradições construídas ao longo de gerações e transmitidas, fundamentalmente, por via oral.

Nesse contexto de dificuldade de manutenção do seu modo de vida caiçara, o jovem, particularmente o adolescente, sofre, sobremaneira o impacto de um mundo muito diferente daquele em que vivem os seus pais e os seus avós.

O conceito de adolescente é relativamente recente na nossa civilização e, para compreendê-lo, faz-se necessário partir do princípio de que a adolescência é uma construção social, segundo Peres e Rusenburg (2008).

Já se tornou lugar-comum a noção de que a adolescência começa no biológico e termina no social, ou seja, as transformações iniciais se dão no corpo biológico com as mudanças advindas da puberdade, sendo que as demais ocorrem no corpo social, a partir da forma como este adolescente é concebido e como está inserido no grupo social ao qual pertence.

A Organização Mundial da Saúde delimita essa fase entre os 10 e os 19 anos; faixa etária na qual ocorrem, predominantemente, as maiores transformações biopsicosociais.

Os jovens da Prainha Branca, sobretudo, no período em que se encontram na adolescência, vivem mais densamente o impacto da mudança no modo de vida tradicional que permitiu a produção material e imaterial da comunidade.

O modo de vida caiçara, na Prainha Branca, no Guarujá, tem se alterado substancialmente nos últimos anos. Todo um conjunto de valores, visões de mundo, práticas e símbolos compartilhados, que formam a cultura caiçara tradicional, está hoje em

mudança. Tais mudanças se evidenciam na forma como organizam a produção material e nas relações imateriais presentes no grupo.

Com base em trabalho de campo, fundado em entrevistas com os moradores, em composição de séries fotográficas, análise de documentos de arquivos particulares dos moradores (fotos, matérias de jornal, certidões de nascimento e de óbito, títulos de propriedade, dentre outros), além de pesquisa bibliográfica, pretendemos analisar as determinações das transformações no modo de vida caiçara na Prainha Branca e o seu significado nas práticas socioespaciais dos jovens da comunidade, bem como em suas representações sociais relativas à identidade com o grupo e com a manutenção do modo de vida caiçara.

Na mudança do modo de vida, a atividade turística teve forte impacto, introduzindo práticas e representações muito distantes daquelas vividas pelos primeiros moradores da comunidade. No entanto, há ações, ainda, isoladas, de tentativa de recuperação das tradições caiçaras do grupo — marcadas pelas relações sociais de reciprocidade e de vizinhança, de saberes associados à natureza —, como a realização de danças e de festas típicas.

A entrada do turismo, o contato maior com as cidades próximas (Bertioga, Guarujá, Santos e São Paulo), a poluição atual que diminuiu a possibilidade de pesca e a presença da pesca industrial são alguns dentre os fatores mais relevantes nas metamorfoses atuais do modo de vida, da cultura e da tradição caiçara.

Os caiçaras são marcados pela miscigenação entre os grupos, sobretudo, indígenas e os portugueses, constituindo-se, a partir do século XVI, com suas culturas, suas crenças e suas atividades de subsistências baseadas na pesca artesanal.

A alimentação caiçara baseia-se no pescado, na farinha e em algumas plantações de sustento, como mandioca, feijão, arroz e milho.

A origem da palavra “caiçara” vem do tupi-guarani, servindo para designar as populações de pescadores tradicionais, sobretudo do litoral de São Paulo, Paraná e Sul do Rio de Janeiro. No entanto, os caiçaras, aos quais iremos nos referir, são do litoral paulista, precisamente os que vivem na chamada Prainha Branca, localizada no litoral norte do estado de São Paulo, no município de Guarujá.

Os caiçaras que vivem na Prainha Branca passam por inúmeras mudanças culturais, em sua forma de viver. Não é mais a pesca a atividade essencial para a sobrevivência da população, mas, sobretudo, o turismo que chegou e transformou toda uma forma de vida. A falta da abundância do peixe, devido à pesca predatória feita pelos pescadores industriais, fez com esta população procurasse outras atividades.

Na Prainha Branca, observa-se uma estrutura voltada para os turistas, são pousadas, restaurantes e alguns quintais de residências dos caiçaras que servem, na alta temporada, como área de camping, embora esta prática tenha sido proibida pela comunidade. São as atividades relacionadas ao turismo que os caiçaras têm se utilizado para permanecer enquanto população descendente, mas que se configuram e se misturam a uma cultura adversa as suas tradições.

Além da redução do pescado, ocasionado pela pesca predatória, sobretudo a praticada em grandes embarcações, mas, também, com a poluição do mar por resíduos urbano-industriais, a população da Prainha Branca, ainda, vive um outro grande dilema relativo à restrição de suas práticas consuetudinárias, sobretudo as vinculadas à agricultura, devido à criação de uma unidade de conservação onde vivem seus moradores.

De forma geral, o processo de criação de unidades de conservação, no Brasil, insere-se em uma política ambientalista que não considera o modo de vida das populações tradicionais, particularmente em relação à dinâmica e à manutenção culturais. Criam-se as unidades de conservação, sem que, com isso, se tenha tido uma preocupação com a população residente nessas áreas, sem assistência, sem capacitação, para lidar com novas formas alternativas de sustento familiar, tornando-lhes, vítimas de um triste fado.

Nesse sentido, os caiçaras são obrigados a buscar trabalho nas cidades para a sobrevivência, como, por exemplo, pedreiros, porteiros, guardas etc. É diante do processo de proletarização que as populações tradicionais, dentre estas a dos caiçaras vem perdendo suas marcas mais essenciais, em termos de reprodução material e imaterial, bem como se adaptando a uma cultura marcada pelas regras do mundo moderno.

No Brasil, as populações tradicionais estão relacionadas intrinsecamente com a preservação da natureza, tanto que as áreas em que vivem, de forma geral, são ou podem vir a ser unidades de conservação, tal qual afirma Vianna:

Essas são chamadas ‘populações tradicionais’, expressão que designa um conjunto de populações de pescadores artesanais, pequenos agricultores de subsistência, caiçaras, caipiras, camponeses, extrativistas, pantaneiros e ribeirinhos que fazem uso direto do uso da natureza , através de atividades extrativas e/ ou de agricultura com tecnologia de baixo impacto ao meio, que vivem em remanescentes florestais que são ou podem vir a ser unidades de conservação. (VIANNA, 2008:214)

É diante da vida caiçara de outrora que a juventude atual, particularmente o adolescente, que vive na Prainha Branca tem se preocupado com o destino da comunidade, tentando, por meio de ações individuais e coletivas, buscar uma forma de trazer de volta as tradições do grupo, por meio da recuperação de manifestações culturais, como a música e a dança. Assim, o jovem caiçara se manifesta, a partir da união da comunidade:

Eu sou um deles que tou tentando trazer essas peças de novo pra que a comunidade se unir, ser mais amigo um do outro, porque tá muito afastado não tem muita união. Entendeu? Tá um pouquinho afastado, então pelo menos eu, eu penso assim, tô querendo trazer a comunidade tudo de novo, entendeu? As festas antigas, festas de jovens mesmo molecada, seja forró, piçai, rague, tou querendo trazer tudo de volta para ter uma ... é, é, é... como se fala, não sair ninguém daqui da comunidade onde mora para ir para Bertioga, tendo festa todo mundo fica aqui, sabendo que tem festa aqui, e o pessoal fica aqui para puxar festa, não precisa ir para Bertioga, para uma balada pagar, entendeu? O que pode pagar aqui, não precisa pagar lá fora, entendeu? Paga aqui e fica por aqui mesmo. Acho, o que eu tento, é, como se fala? É ajudar as pessoas, o que eu puder ajudar as pessoas, eu tento ajudar, entendeu? (Jovem caiçara da Prainha Branca, set., 2008).

Em sua fala, percebe-se o conflito de épocas distintas com a realidade vivenciada. As manifestações culturais referenciadas retratam dois tempos, ou melhor, o tempo do jovem e o tempo dos seus antepassados; este de danças e músicas tradicionais, aquele da balada.

O tempo dos antepassados está presente nas histórias e nas falas dos seus pais e avós, o que, de certa forma, marca um conflito no seu inconsciente diante da necessidade de unir o ontem com o hoje, na medida em que pretende satisfazer as suas motivações, preservando a sua identidade caiçara. Para compreendermos esta preocupação do jovem caiçara com a sua comunidade, é necessário pensar como o ser humano se depara com suas motivações, pois, como afirma Sampaio e Braga Neto:

Ao longo de sua vida o ser humano busca permanentemente satisfazer suas motivações e, para tanto, estabelece relações afetivas, profissionais e comerciais com uma ou outra pessoa, as quais se encontram na mesma situação, isto é, buscam também satisfazer suas motivações. (SAMPAIO; BRAGA NETO, 2007:25).

É diante do conflito que a motivação do jovem caiçara obtém o desejo de resgatar, de certo modo, o passado, numa conotação de integrar o presente com suas novas formas culturais, buscando estabelecer uma mediação intergeracional, o que envolve o poder entre o jovem e o velho, tal qual apontaram Ruschel e Castro (2008).

A busca do jovem em resgatar as tradições de seu povo, como protagonista de transformação, como sujeito social, como o definiu Dayrell (2008), tem se manifestado pela atual conjuntura em que seu grupo se encontra. Os moradores da Prainha Branca sofrem uma ameaça constante de perda das terras em que vivem há, aproximadamente, um século e meio, por conta da ação de um proprietário vizinho, denunciado, por eles, como grileiro de suas terras.

De certo modo, os jovens buscam alternativas para fortalecer a comunidade por meio de suas manifestações culturais, talvez de uma forma indireta, para ajudar na luta pela permanência dos caiçaras em suas áreas, contendo assim a sua expropriação.

O empenho do jovem caiçara em resgatar a cultura do seu grupo é algo evidentemente positivo, pois traz a história de um passado, ou seja, a história da comunidade, para que não seja apagada pelo tempo fugidio da modernidade. Contudo, o jovem se conscientiza da importância de sua gente quanto retrata em sua fala o significado da sua cultura.

Na cultura caiçara? Ah, muitas coisas, muitas coisas... igual vocês estão fazendo tentando recuperar as histórias antigas, eu gostaria de tá com vocês pra ouvir as histórias também, as histórias que vocês estão tentando pegar o que eu não sei, entendeu? Os meus primos faziam igual o que vocês estão fazendo, eles trabalham né. Então eles pegavam, eu acompanhava eles, pegava as histórias do lugar daqui onde eu moro, então eu acho legal uma coisa assim, entendeu? Eu ouvia o que os mais velhos tinha a dizer daqui da comunidade, daqui, quem foi o primeiro a chegar aqui, quem foi que começou primeiro a construir, ter uma história legal da prainha. Como hoje tem essa briga do local aqui é bom a gente saber, o que tinha na prainha que hoje não tem mais entendeu? Eu acho que, tem sim cultura, coisa boa que aqui tem na prainha, dar pra recuperar ainda. Se todo mundo da comunidade, se perguntar, ainda dar pra recuperar uma parte boa da Prainha ainda. Eu tenho essa visão, boa da Prainha ainda. (Jovem caiçara da Prainha Branca, set., 2008).

Por mais que a questão cultural seja importante e as histórias de vidas sejam resgatadas, na fala do jovem caiçara, há dilemas no que diz respeito à própria identidade caiçara dos jovens na Prainha Branca, como indicou um dos nossos entrevistados:

o jovem, ele... alguns não todos, porque nem todos nasceram aqui, nasceram mais fora, eu estou falando que sou mesmo caiçara, porque minha mãe não ganhou eu no pronto-socorro, ganhou dentro de casa mesmo, tinha uma parteira, hoje ela não é viva, morreu pouco tempo agora, a parteira. Minha mãe ganhou eu e minha irmã, eu me chamo Flávio e ela se chama Flávia. Então teve nós dois dentro de casa mesmo, não teve tempo

nem de correr e como tinha uma parteira aqui do lado, não teve nem dificuldade de correr. Hoje eu me sinto assim caiçara, mais não são todos os jovens que sente caiçara entendeu? Eu acho porque...como se fala? É, nasceu no pronto-socorro, aí não se acha, mais o jovem hoje em dia tem que se considerar com caiçara, todo mundo ne'? (Jovem caiçara da Prainha Branca, set., 2008.).

Tais dilemas são reforçados pela inserção do turismo, na Prainha Branca, que estabelece novas formas de ações/relações desconectadas à cultura tradicional caiçara. Trata-se de formas diferenciadas de relações, uma que parte da comunidade, ligada com a preservação da natureza em seu uso direto, para as práticas turísticas, e a outra que vem de fora, voltada para a apropriação e a dominação de um território evidentemente fragilizado pela própria forma de vida dos seus moradores, em que se verificou a aquisição de moradias de caiçaras por terceiros.

A apropriação dos turistas se dá pelo uso do território como área de lazer, trazendo as suas práticas sociais para o seio da comunidade, em que se verifica uma relação de imposição cultural sobre a comunidade caiçara, a qual, mesmo com reações ocasionais, aceita o que não lhe é comum, no que se refere a um *ethos* e a um *habitus* caiçara.

As práticas sociais, comuns entre os turistas, corroboram para a construção de novas formas dos jovens caiçaras negarem a sua própria origem, como população tradicional, marcadamente camponesa, na qual estava presente, sobretudo, a busca pela fartura, fruto do trabalho na terra e no mar. Muito distante da sociedade moderna, pautada no consumo, nas novas tecnologias, como também nas formas diferenciadas de lidar com o outro.

Esta situação de desagregação cultural aparece muito clara na Prainha Branca, onde os turistas se integram aos jovens caiçaras e passam os costumes modernos, influenciando o modo de vida do jovem.

Podemos observar que as festas organizadas pelos jovens caiçaras não se diferenciam das festas da cidade. São as famosas baladas, forrós, festas do Haváí, dentre outras. Uma outra forma de influência dos turistas sobre os jovens caiçaras é o uso de

bebida alcoólica e de entorpecente, que tem crescido na Prainha Branca, como argumenta o jovem caiçara:

Isso é muito comum, o pessoal conhece a Prainha como praia de drogado. Falaram pra nós assim, que em São Paulo tinha uma faixa falando assim da Prainha Branca, falando que era um lugar de droga, entendeu? Isso é comum pra gente, o pessoal vem mesmo pra fumar maconha, pra beber entendeu? Eu acho que isso aí é comum, mais acho que eles poderiam ter mais respeito, porque aqui é uma comunidade, e no mais todo mundo é família, né. E tem aqui na Prainha, eu vou falar que aqui alguns num fumam, não todos, to falando, a metade, usam drogas, bebem, entendeu? Acho que a maioria bebe e a maioria fuma, dos moradores daqui. Alguns usam também droga, acho que eles mesmo poderiam dar o respeito, pro turista, entendeu. Porque o turista ver, e sabe que é o cara que é da comunidade, ver e fuma ali, não tem como chamar atenção, entendeu? Eu acho que é isso, a comunidade poderia dar mais respeito pro turista, entendeu, por que o turista não tem respeito a nós porque a comunidade não dar, entendeu. Se usa na frente dele, ele vai querer usar também. É... pô como você pode chamar minha atenção se você também usa. Então eu acho assim (...)
(Jovem caiçara da Prainha Branca, set., 2008)

As mudanças trazidas pelos turistas não dizem respeito apenas à melhoria da qualidade de vida dos moradores no contexto do consumo, do dinheiro deixado para a comunidade, mas trazem impactos consideráveis, como o acúmulo de lixo. É diante dessas mudanças que os jovens e algumas lideranças começam a se organizar, de certo modo, adquirindo uma existência política e coletiva e constituindo-se como sujeitos sociais da comunidade.

As motivações dos jovens, no que se relaciona às dimensões econômicas e políticas, mesmo, em muitas situações, entrando em choque com a identidade caiçara, marcada por costumes simples em suas tradições, em muitas outras situações, relacionam-se à recuperação de festas tradicionais, como a da Tainha, da folia de reis, bem como na

valorização do fandango na Prainha Branca. São práticas imateriais que resgatam a cultura da comunidade, mas que vão além desta conotação, já que, de certo modo, integram o cultural ao econômico, ou seja, demonstram a afirmação da identidade caiçara inserida no mundo da mercadoria.

Os jovens caiçaras têm tido essa percepção, da reprodução econômica e cultural de sua comunidade, valorizando histórias de vida de velhos do grupo e buscando no passado as tradições, com o intuito de compreenderem melhor o mundo em que estão inseridos e se integrarem ao presente, com novos desafios a serem superados pela comunidade.

Quando tratamos de comunidade, pensamos numa forma ampla, não apenas do pertencimento, mas no respeito à identidade coletiva dos seus membros, na capacidade desse grupo dialogar com outros, sem necessariamente levá-lo ao isolamento, ou a negação de sua identidade cultural. É diante dessa questão que as comunidades tradicionais podem ser reconhecidas como grupo e podem dialogar em pé de igualdade com outros mais, além de outros setores da sociedade.

As populações tradicionais, quilombolas, caiçaras, indígenas, dentre outras, estão marcadas pela presença da oralidade na manutenção de sua história e de suas práticas sociais, é o que vários autores, como Antonio Carlos Diegues (2001, 2002, 2004), José Geraldo Marques (2001), Marta Vannucci (2002), André Alves (2004), Alpina Begossi (2004), Simone Rezende da Silva (2004), Antonio Carlos Diegues e André de Castro C. Moreira (2001), Jean Hébette, Sônia Barbosa Magalhães e Maria Cristina Maneschy (2002) e José de Souza Martins (1997), apontaram em suas reflexões. Tais populações tradicionais não vivem situações históricas idênticas, mas participam de dilemas semelhantes em relação à manutenção de suas práticas socioespaciais.

As comunidades tradicionais poderão ser definidas, sobretudo no que concerne à sua relação com a natureza, marcadamente por seu conhecimento da sua dinâmica, mas, também, por sua organização social, como bem o identificou Diegues:

Comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com pouca ou

nenhuma acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. Uma característica importante desse modo de produção mercantil (*petty mode of production*) é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. Esse “know-how” tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação (...). (DIEGUES, 1992 *apud* DIEGUES, 1994:78).

A partir dessa definição é necessário pensar, nos dias atuais, como se organizam as comunidades tradicionais, sobretudo os caiçaras da Prainha Branca, pois, em grande medida, esta discussão feita pelo autor responde parte do que hoje estes vivenciam em termos econômicos e sociais. Podemos perceber, na visão do jovem sobre as mudanças ocorridas em sua comunidade, em relação à cultura tradicional, que tem se fragmentado com a nova conjuntura de mundo, uma relação mais aproximada entre o campo e a cidade. É inevitável ao jovem caiçara não se deparar com os novos padrões técnicos, diferenciados da sua comunidade, já que o alcance da tecnologia, encontrada na cidade, é cada vez mais comum, permitindo que, hoje, seja cada vez mais incorporada ao cotidiano, mesmo na Prainha Branca, como computador, telefone celular, micro-system etc.

As inquietações dos jovens caiçaras têm as suas razões, construídas no seu inconsciente, pautadas no seu projeto de vida, o sonho de uma vida como a dos outros jovens dos quais eles têm notícias e com os quais matem relações, os que vivem na cidade, como a de ter a casa própria, na cidade ou na comunidade. Por mais que a sua origem esteja na sua identidade caiçara, as facilidades que são encontradas na cidade, como as novas tecnologias, e outras formas sociais e econômicas são incorporadas a sua forma de ver a vida como algo necessário. Como o próprio jovem menciona ao ser indagado sobre a pretensão de morar na comunidade:

Pretendo, se não tiver essa muita briga aí, muita briga de comunidade com aquele grandão lá [o grileiro identificado pelo moradores da Prainha Branca], se não tiver muita briga, eu pretendo morar aqui ainda. Mas assim, eu tenho sonho que é da minha mãe, que é uma casa, dela. Se eu fosse sair daqui eu iria morar em Bertioga, que é um lugar que as coisas são mais fáceis entendeu? As coisas seriam mais fácil lá na porta de que aqui que tem mais dificuldade. Entendeu? Se não tiver um mar bom a lancha não vem até aqui ou se não, tem que subir a trilha que é mais cansado com um carrinho de mão, trazer as compras pra cá. Né? Eu acho se eu fosse morar, eu moraria em Bertioga, entendeu? Mesmo sendo caiçara, 22 anos morando aqui, caiçara mesmo, mais não sei se ficaria até o final com essa briga. Eu trabalho com a Associação Sociedade Amigo, eu já trabalho com ela. (Jovem caiçara da Prainha Branca, set., 2008)

Por mais que a vida torne-se difícil na comunidade, o jovem caiçara sonha, como qualquer outro adolescente, em estudar e ter uma vida tal como qualquer outro indivíduo. O sonho desses jovens, desta comunidade tradicional de pescadores, de forma geral, não é realizável conforme o padrão do mundo moderno, com jornada de trabalho intensiva para se manter e ajudar a família. Como ainda no trecho de sua fala, aparece o interesse de mudança vinculada ao estudo, mas reconhece-se que diante das próprias dificuldades é difícil concretiza-lo:

Eu acho que o jovem de hoje tenta mudar bastante, se ele tivesse uma situação boa pra fazer uma faculdade, eu se tivesse uma situação boa, eu ia fazer uma faculdade de turismo, entendeu, como eu mecho com turismo eu ia fazer uma faculdade de turismo. Mais eu não tenho condições, eu acho que a maioria que ta aqui trabalhando na Prainha, jovens, eles pudessem fazer uma faculdade, eles fariam, entendeu. Mais não faz porque? Porque tem que ajudar a família, às vezes, a família não trabalha, nem mãe e nem pai, como eu, só trabalho eu e minha mãe, tenho um irmão de 12 anos, tenho que ajudar dentro de casa, se não ajudar não tem como, não come né. Então, eu acho que o jovem é

assim, se ele tivesse uma situação ele faria uma faculdade, tentaria fazer mais um curso né. (Jovem caiçara da Prainha Branca, set., 2008)

Contudo, no discurso deste jovem, observam-se os dilemas sofridos pelo seu grupo, que estão alicerçados pela desigualdade social brasileira. É importante ressaltar que estes dilemas não são apenas de um grupo social, ou de comunidades isoladas, mas correspondem a uma grande parcela da sociedade brasileira que não tem oportunidades de se tornar de fato cidadã mediante os direitos constituídos.

Conclui-se, aqui, que o estudo das metamorfoses no modo de vida dessa comunidade tradicional caiçara é de grande importância para a comunidade da Prainha Branca, sobretudo ao permitir a discussão das alterações sociais em que estão inseridos, bem como as suas determinações, o que poderá permitir novos referenciais para a construção de um projeto coletivo de fortificação do grupo.

Nesse contexto de mudança do modo de vida, não é possível identificar um único padrão do jovem caiçara em relação à sua identidade com o grupo ou com a manutenção de práticas socioespaciais caiçaras.

Enquanto uma parcela dos jovens se propõe a migrar para outras localidades, inserindo-se em um modo de vida moderno, particularmente urbano, outra parcela se propõe a viver na comunidade, recuperando práticas de sociabilidade, sobretudo, vividas por seus antepassados, mesmo que muitas das práticas produtivas caiçaras estejam impedidas pelas limitações legais que se impuseram por ter a localidade em que vivem se transformado em área de proteção ambiental.

Referências

ALVES, André. *Os Argonautas do Mangue*. Campinas: Unicamp/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

BEGOSSI, Alpina (Org.). *Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: Hucitec/Nepam-Unicamp/Nupaub-USP/FAPESP, 2004.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 24, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 dez. 2008. doi: 10.1590/S1413-24782003000300004.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: NUPAUB/USP, 1994.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Enciclopédia Caiçara; O Olhar do Pesquisador*. São Paulo: Hucitec/Nupaub-CEC-USP, 2004. v.1.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Povos e Águas; Inventário de Áreas Úmidas Brasileiras*. 2.ed. São Paulo: Nupaub-USP, 2002.

DIEGUES, Antonio Carlos, MOREIRA, André de Castro C. (Orgs.). *Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum*. São Paulo: Nupaub-USP, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos. *Ecologia Humana e Planejamento em Áreas Costeiras*. 2.ed. São Paulo: Nupaub-USP, 2001.

HÉBETTE, Jean, MAGALHÃES, Sônia Barbosa, MANESCHY, Maria Cristina (Orgs). *No mar, nos rios e na fronteira; faces do campesinato no Pará*. Belém: UFPA, 2002.

MARQUES, José Geraldo. *Pescando pescadores*. 2.ed. São Paulo: Nupaub-USP, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira; A degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PERES, Fumika; ROSENBERG, Cornélio P.. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da Saúde Pública. *Saude soc.*, São Paulo, v. 7, n. 1, jul. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12901998000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 dez. 2008. doi: 10.1590/S0104-12901998000100004.

RUSCHEL, Ângela Ester; CASTRO, Odair Perugini de. O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 dez. 2008. doi: 10.1590/S0102-79721998000300011.

SAMPAIO, Lia Regina Castaldi; BRAGA NETO, Adolfo. *O que é mediação de conflitos?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

SILVA, Simone Rezende da. *Camburi, território de negros, brancos e índios no limite do consenso caiçara; Transformações de uma população tradicional camponesa*. São Paulo: FFLCH/USP, 2004. (Dissertação de Mestrado)

VANUCCI, Marta. *Os Manguezais e Nós; Uma Síntese de Percepções*. 2.ed. revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2002.

VIANNA, Lucila Pinsard. *De invisíveis a protagonistas: populações tradicionais e unidades de conservação*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008.